

Falsas manobras de ACM e FHC

GAZETA MERCANTIL

16 MAI 2001



Newton Rodrigues

A semana promete, inclusive pela expectativa de ser apresentado, afinal, talvez ainda hoje, o relatório de Saturnino Braga sobre a violação do painel eletrônico do Senado, cuja apuração pelo chamado Conselho de Ética já consumiu várias semanas. Há toda sorte de especulações que cresceram depois de o senador haver acusado um clima de linchamento, solicitando maior prazo para opinar. Em vista disso e de muitos movimentos que comentaremos adiante, há quem suponha que o parecer diferencie penalidades a serem votadas, o que estaria na lógica da diferenciação de delitos, mas também se admite que o relator se limite a uma análise não conclusiva, deixando o abacaxi para ser descascado pelo próprio Conselho e, a seguir, pelo plenário senatorial. Aguardemos, porém. Enquanto novos fatos não chegam, há outros, recentes, diretamente ligados ao processo.

Antonio Carlos Magalhães, de natural prolixo e contundente, está mantendo o trombone no saco. A impressão que transmite é de que teria entrado em negociação não só com seu principal adversário no Congresso, Jader Barbalho, como também com Fernando Henrique Cardoso para livrar-se de penas. Um fato que só ajudou a fortalecer tais suspeitas foi a declaração de que o senador não

listas ao pedido de abertura de CPI mista para apurar a corrupção no sistema governamental. O assunto está em pauta há muito tempo, mas animado agora por novos escândalos administrativos que puseram na berlinda o Planalto, ameaçando virar incêndio. Diante disso, o grão-tucano não ficou de bico aberto, mas utilizou-o a valer. Conhecedor do Congresso, que quase sempre se curva ao Executivo, iniciou uma ação de curto prazo (tinha que surtir efeito até meia-noite do dia de apresentação da lista), despachou de volta à Câmara seu ministro Dornelles, que talvez por superstição foi todo de branco no modelo Zé Pelintra das sessões de macumba, e conseguiu o que desejava.

Tudo isso só foi possível, além da ofensiva governamental, pela má atuação dos oposicionistas, que, depois de alcançarem o número necessário

de assinaturas, custaram a apresentar o pedido, dando a Jader Barbalho tempo exíguo, mas suficiente, para possibilitar o desfazimento. Pode ter havido, também, tentativa de blefe, pois os petistas alardeavam sobras que estariam na reserva, o que não se confirmou após as desistências de signatários. A sequência dos fatos daria a ACM outra oportunidade

de corrigir a Fernando Henrique Cardoso a acusação de que ele teria

Procurado para assinar novo pedido de CPI, dessa vez limitada ao Senado, escusou-se a fazê-lo a pretexto de que não iria engrossar pedido de quem deseja cassá-lo. Desculpa esfarrapada, uma vez que formou com petistas várias vezes e que as óbvias divergências que tem com eles não o vinham impedindo de ajudar as ações que também defendia.

A mudança é evidente e faz parte de um mau jogo, que, na melhor das hipóteses, poderá brindá-lo com uma vitória de Pirro, o rei grego que travou e venceu difícil batalha na Sicília, mas ao preço de tantas baixas que corresponderam a verdadeira derrota, como outros combates provaram. Depois de suas últimas manobra, caso vença no sentido de não ser cassado ou, até, nem suspenso, Antonio Carlos Magalhães perderá em um só lance a confiança e a popularidade que vinha conquistando com posturas de combate à corrupção e de enfrentamento do governo

Antonio Carlos Magalhães está desbotando a própria imagem, melhorada nos últimos anos

federal que está em perda crescente de apoio popular e partidário. E faz isso sem ao menos a necessidade de salvar-se a qualquer custo, pois não precisa de apoio de ninguém, nem de entregar os anéis na esperança de salvar os dedos. Bastar-lhe-ia renunciar no momento oportuno para regressar ao Senado reeleito, se não preferisse disputar outro posto. Está desbotando a própria imagem política.

melhorada nos últimos anos graças a propostas ou apoios que deu a causas diversas, e provavelmente verá isso em curto prazo.

Enquanto isso, Fernando Henrique Cardoso meteu-se em um túnel de dificuldades do qual não vem encontrando saída favorável. Além da perda constante dos graus de confiabilidade e apoio registrados pelos mais diversos institutos de pesquisa, vê-se agora com dois novos

problemas para os quais não vê solução. O mais escandaloso foi a ação inaceitável para impedir a criação da CPI mista destinada a apurar as denúncias e os indícios de corrupção oficial. Além de pôr em jogo toda a pressão oficial, dizendo que tudo já teria sido devidamente apurado, o presidente esmerou-se em angariar retiradas de assinaturas. Para isso, entre outros recursos, despendeu na primeira quinzena deste mês mais do que nos quatro meses anteriores favores a parlamentares, que talvez em alguns casos só tivessem assinado o pedido para ter com que negociar. Embora a interferência do Executivo no Congresso e seus métodos sejam habituais, nunca se viu tanto desembaraço na operação toma-lá-dá-cá. Salvou-se tudo, menos a decência.

Fora da área de escândalos tonitruantes, aí está a crise energética que é prova irretorquível do descaso e da ineficiência administrativa de um governo que adora

A crise de energia é prova da ineficiência administrativa de um governo que adora palanques

os palanques. O próprio Pedro Malan, responsável pela exiguidade de verbas destinadas àquele fim, vem confessar que o governo foi apanhado de surpresa pela extensão e gravidade da crise. Entretanto não faltaram advertências, baseadas em pesquisas e números, inclusive sobre o aumento contínuo da demanda e a contrapartida das dificuldades de fornecimento, em vista do pouco abastecimento de

água às represas que sustentam o consumo. Nada de eficaz foi realizado para minorar os efeitos danosos da atual crise, mediante a construção de usinas térmicas e, em algumas regiões, o recurso à energia eólica. Numa tirada oportunista, o presidente da República indicou Itamar como o grande culpado, recurso de quem não tem argumentos, pois Itamar governou apenas dois anos e meio, enquanto FHC com quase seis anos e meio de mandato já cumprido teve tempo de sobra para evitar ou, pelo menos, reduzir a carência de energia elétrica.

Os efeitos da má atuação governamental apenas começam, mas vão incidir em maiores índices de desemprego, em queda da produção industrial e nas decorrências disso. No escuro dos apagões, muitos brasileiros que votaram no chefe tucano não de certamente pensar — “Como pude fazer uma coisa dessas?”.